

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, Júlio Romão da. Júlio Romão da Silva (depoimento, 2004). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 45min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Júlio Romão da Silva
(depoimento, 2004)**

Rio de Janeiro

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

Local: São Luís - MA - Brasil;

Data: 09/09/2004

Duração: 1h 45min

Arquivo digital - vídeo: 2; Fita cassete: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado se justificou por sua participação na fundação do Teatro Popular Brasileiro e da Orquestra Afro-Brasileira.

Temas: Atividade profissional; Carlos Lacerda; Comunismo; Ensino profissionalizante; Escravidão; Estado Novo (1937-1945); Família; Fascismo; Formação acadêmica; Fundação Getúlio Vargas; Igreja; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Integralismo; Jornalismo; Lacerdismo; Maranhão; Movimento Modernista (1922); Movimento negro; Movimentos sociais; Padre Cícero; Piauí; Racismo; Rio de Janeiro (cidade); Segunda Guerra Mundial (1939-1945); Teatro; Tenentismo; União Nacional dos Estudantes;

Sumário

Entrevista: 09.09.2004

Fita 1-A: Origens familiares; o sobrenome e a admiração de seus pais pelo padre Cícero; a descendência africana oriunda de sua bisavó; a influência de sua avó na cidade de Teresina; os primeiros contatos com figuras do movimento negro; as influências do movimento integralista no movimento negro; a vida com seus avós; a mudança para o Maranhão; o trabalho como conservador de móveis; a viagem para o Rio de Janeiro através do navio cargueiro de retirantes; a estadia no Albergue da Boa Vontade; o recorte de raça estabelecido nos anúncios de trabalhos; o emprego como lavador de vasos sanitários em um escritório de advocacia; o estabelecimento de energia elétrica na cidade de Teresina durante a ditadura militar; a busca pelo emprego de jornalista; o artigo escrito sobre Aleijadinho; a pesquisa de documentação na Fundação Getúlio Vargas; as conexões do movimento negro com o tenentismo; a formação do Centro Cultural Afro-Brasileiro na década de 1940; a documentação sobre figuras precursoras do movimento negro; a “eminência parda” de Euclides da Cunha, Teodoro Sampaio.

Fita 1-B: A história de Euclides da Cunha e Teodoro Sampaio; a prisão em Maranhão pelas tendências comunistas; a recusa pelo integralismo já aos 15 anos de idade; a aproximação do entrevistado aos grupos de esquerda; a participação no partido político Frente Negra Brasileira (FNB); a fundação do Comitê Democrático Afro-Brasileiro; a entrada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); as relações do Comitê Democrático Afro-Brasileiro com a FNB; a criação da Orquestra Afro-Brasileira pelo maestro Abigail Moura; a criação do Teatro Experimental do Negro; a fundação do colégio profissionalizante Fundação Levy Miranda; reflexões sobre a ascensão social de pessoas negras; o apelido de “pelego” atribuído pelos lacerdistas ao entrevistado; a entrega do cargo na Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro no governo Lacerda; a proatividade em sua trajetória profissional; a consciência política do movimento tenentista e da Semana de Arte Moderna irrompendo posteriormente na criação da FNB; as divergências entre comunistas e integralistas no âmbito da FNB; o cargo de colaborador no jornal Vamos Ler; a trajetória como jornalista; a coluna Palmatória escrita pelo entrevistado no jornal A Pátria; a revolução artística da Frente Negra.

Fita 2-A: A formação acadêmica em Geografia e História e posteriormente em Jornalismo; reflexões sobre a abolição da escravatura e o pós-abolição; o entrosamento do movimento negro com movimentos sociais e culturais; as relações da Imprensa Negra com a FNB; o discurso de defesa do direito das empregadas; o contato com Solano Trindade; a atuação do movimento negro na sede da União Nacional dos Estudantes (UNE); o monólogo de gestos de seu teatro; a I e II Convenção Nacional do Negro em 1945 e 1946; a resistência contra o Estado Novo; as tendências antifascistas e antinazistas do Comitê Democrático Afro-Brasileiro frente à Segunda Grande Guerra; o entrosamento do União dos Homens de Cor da década de 1950; o apoio de alguns grupos negros ao integralismo; o apoio da Igreja Católica ao fascismo.

Fita 2-B: A participação na criação da Lei Afonso Arinos; a reação contrária a Lei Afonso

Arinos; a família do entrevistado; documentos relativos à sua trajetória.

Entrevista: 09.09.2004

Verena Alberti – Temos a honra de estar aqui conversando com o senhor Júlio Romão da Silva sobre sua participação no movimento negro no Brasil. Nós explicamos para o senhor que este projeto tem o objetivo de registrar a atuação das lideranças negras, para que essa atuação não se perca da memória das pessoas. E a gente sempre faz a nossa entrevista, a gente procura acompanhar a trajetória da pessoa até ela chegar no movimento negro. Então a gente vai começar do começo mesmo, perguntando para o senhor onde o senhor nasceu, quando, sobre a sua família, os seus pais, os seus irmãos, a sua formação, até o senhor chegar a ter contato com o movimento negro. Onde o senhor nasceu?

Júlio Romão – Nasci em Teresina, capital do Piauí. Por isso sou capitalista, nasci na capital. [riso] Nasci na capital do Piauí em 1917.

V.A. – Que dia?

J.R. – No dia 22 de maio de 1917, na Primeira Guerra Mundial, exatamente coincidiu com a Primeira Guerra, com a Revolução Russa também. E também com a fundação da Academia Piauiense de Letras, da qual eu sou um dos titulares atuais. E entrei como um corpo estranho, porque não tem negro lá na Academia. Eu sou o único negro.

V.A. – Até hoje?

J.R. – Até hoje só tem um negro.

V.A. – Só o senhor de negro?

J.R. – Eu fui o primeiro prosador brasileiro premiado pela Academia Brasileira de Letras. Concorri várias vezes...

V.A. – Bom, o senhor nasceu em Teresina, e seu pai, como era o nome do seu pai?

J.R. – Meu pai era Luís Quirino da Silva e Joana, minha mãe, Joana Quirino da Silva.

V.A. – E o senhor não tem o Quirino?

J.R. – Não tenho.

V.A. – Por quê?

J.R. – Porque meu pai era admirador do padre Cícero do Juazeiro, o famoso padre Cícero, e então... É uma briga danada, eu sou o único, criei uma dinastia no Rio de Janeiro, no Brasil, criei uma dinastia. Eu vou montar uma dinastia no Pará, aqui, no Rio de Janeiro, até no exterior eu acho que eu tenho. Então, minha mãe em homenagem ao padre Cícero botou meu nome de Romão. Eu sou o único Júlio Romão na família. Minha família é Dias e Quirino. A minha avó, eu suponho que ela tenha vindo... Minha bisavó, que eu conheci, era africana.

V.A. – Ela era bisavó por parte de mãe ou de pai?

J.R. – Por parte de mãe. E a minha avó naturalmente pertencia, veio da Bahia naturalmente para o Piauí, pertencia aos Quirino da Bahia. Tem lá o Manuel Quirino, famosíssimo escritor. Andei pesquisando e cheguei à conclusão que minhas raízes vieram da Bahia, porque meus ancestrais africanos foram traficados e vendidos como escravos no mercado [incompreensível] da Bahia. De lá então vieram para cá para o Piauí, onde eles adquiriram a liberdade. O Piauí é uma coisa muito curiosa que eu vou te contar: [incompreensível] uma cidade muito violenta, muito perversa... As famílias brancas libertavam integral na família, os escravos eram mais humanos. E libertavam... Minha avó era uma dona negra, dona airosa. Chegaram até a escrever...

V.A. – Não entendi. A sua avó?

J.R. – Era uma negra, dona airosa, ela tinha uma ascendência dentro de Teresina muito grande.

V.A. – O nome dela era dona Airosa?

J.R. – Não. Dona airosa não. Ela era uma negra rainha, como escreveram. Ela tinha assim uma influência. Nós herdamos então... Hoje lá é um centro de saúde. Onde eu morei eu vendi lá meio quarteirão que deram a ela, não sei como é que foi que conseguiram. Fui para o Rio de Janeiro jovem como marceneiro, passei pelo Maranhão. Fiquei aqui sendo... Fui marceneiro... Eu sou, para começar essa história, decano do Centro Federal de Educação Tecnológica, que tem como raiz a Escola de Aprendizes Artífices, profissionalizante. Hoje não tem mais. Me formei em marcenaria, vim para o Maranhão quando me formei com 16 anos. Fui conservador de móveis no Palácio dos Leões, do governo do Maranhão. Construí móveis e escrevia em jornais, era um dublê de marceneiro e jornalista. Aqui escrevi no jornal *O combate*, que era um jornal. E aqui eu conheci muitos que depois se tornaram brizolistas, como Neiva Moreira, que era diretor de um jornal fascista e integralista. Então essa história eu vou te contar.

V.A. – O nome do jornal do Neiva Moreira qual era?

J.R. – Não. O Neiva Moreira era diretor do jornal integralista, fascista.

V.A. – O nome do jornal era assim, integralista, fascista?

J.R. – Não. O nome do jornal eu não me lembro. Eu não me lembro agora. Neiva Moreira, hoje ele virou brizolista. Passou a ser... Todos eles: Abdias do Nascimento, Rodrigues Alves, Guerreiro Ramos... negro... eles eram fascistas.

V.A. – O Rodrigues Alves...

J.R. – O Rodrigues Alves, Guerreiro Ramos, sociólogo que morreu nos Estados Unidos, Abdias do Nascimento, Agnaldo Camargo, eles eram integralistas. Quando nós fundamos, com o Solano Trindade, grande Solano... Os fundadores do movimento negro, você deve procurar... Eu me deixo por último. Solano Trindade sofreu muito, foi preso muitas vezes, morreu na miséria, pobre. Raimundo Souza Dantas, foi o primeiro embaixador negro, você

deve ter ouvido falar nele, foi embaixador no governo Jânio Quadros. Porque o Jânio Quadros queria mandar negros para a África. [incompreensível] que foi até citado ontem lá na conferência, foi muito amigo meu. Aí tem uma fotografia [incompreensível]... Quando chegava um embaixador da África ou de países negros lá do Oriente, eu era [tachê]¹, eu hospedava...

V.A. – Não, mas vamos voltar aqui. O senhor está pulando muito, eu não consigo acompanhar. Vamos voltar lá para Teresina. O senhor já está [tachê] lá na África.

J.R. – Não. Mas eu passei aqui...

V.A. – Mas vamos primeiro lá para Teresina. O que sua mãe e seu pai faziam?

J.R. – A minha mãe, eu fiquei órfão com quatro anos de idade.

V.A. – Órfão de mãe?

J.R. – De mãe. Eu fui viver com minha avó.

V.A. – A mãe dela?

J.R. – Minha avó paterna, Mônica Maria da Conceição, mãe do meu pai. Eu fiquei órfão com quatro anos de idade. Com 16 anos eu me formei.

V.A. – E seu pai fazia o quê?

J.R. – Meu pai era pintor de parede. Ele era pintor, operário como eu.

V.A. – E a sua avó e seu avô? O marido da Mônica fazia o quê?

¹ O mais próximo do que se pôde ouvir.

J.R. – Ele era um homem... Teresina naquele tempo – hoje já tem sobrado como tem aqui – era uma trilha, ele era um homem de mato, cortava lenha, fazia carvão para construção... E morreu lá, ele foi atingido por um raio, um meteoro na Chapada do Corisco.

V.A. – Como?

J.R. – Teresina era chamada de Chapada do Corisco. Porque caía muitos raios, meteoros, muitas trovoadas com raios. Então ele foi caçar e morreu.

V.A. – O seu avô?

J.R. – Encontramos só os ossos.

V.A. – Como era o nome do seu avô?

J.R. – Modesto.

V.A. – Modesto da Conceição?

J.R. – Não. Eu só conheci ele como Modesto, meu avô. Saí muito pequeno do Piauí, com 16 anos vim para cá para o Maranhão. E aqui eu esperei um cargueiro e viajei em um porão de um navio...

V.A. – Espera aí, por que o senhor veio para o Maranhão?

J.R. – Porque eu queria ir para o Rio de Janeiro.

V.A. – Mas não podia ir...

J.R. – Para dar um nome para minha família... Não, o meu problema era o seguinte: Teresina chegavam doutores que eram pessoas de famílias brancas tradicionais, e era doutor fulano, doutor fulano... Mas não se formavam para ser doutor, era para ser político. Quando chegava

lá formado era para ser deputado, vereador, prefeito, os cargos públicos. O título era só para atingir cargos importantes. E um dia eu pensei: “Eu vou dar um nome para minha família, também vou ser doutor.” Então fui pedir uma passagem para o interventor, governador do Piauí para cá e ele me disse: “Meu filho, o governo não tem dinheiro.” Depois eu fui até a prefeitura e também não. E por incrível que pareça, mais tarde um dos prefeitos tomou o meu lugar no IBGE, porque eu sou também decano do IBGE, fui um dos fundadores do IBGE, quando o IBGE estava começando. Bom, então fiquei aqui e quando passou o cargueiro...

V.A. – Só um instantinho. Por que o senhor veio para o Maranhão e não saiu do Piauí para ir para o Rio?

J.R. – Porque eu não tinha condição, eu era pobre. Só tinha uma caixa de ferramenta de marcenaria. Eu era marceneiro. Aqui eu trabalhei com marcenaria.

V.A. – O senhor veio para cá para trabalhar?

J.R. – Trabalhei como conservador de móveis do Palácio dos Leões. Eu explicava no Rio de Janeiro para arquitetos, mas um arquiteto não tinha máquina, tudo era feito, era manual. E aqui eu fiquei até passar o navio cargueiro com retirantes que vinham do Ceará com destino a São Paulo em busca de melhores condições de vida, trazidos pela seca do nordeste. E pedi ao capitão dos portos lá uma passagem para o Rio de Janeiro. Ele me disse: “Meu filho, eu não posso dar uma passagem para você. Mas vem vindo aí um navio cargueiro, na costeira, o navio Santos. Quando chegar aí eu não vejo nada, você se mete no porão e pode ir embora. Eu finjo que não vi.” O navio chegou e eu fiquei esperando. Todo navio eu ia lá esperar. Com uma leva de retirantes do Ceará que iam para São Paulo em busca de emprego naquele tempo [incompreensível]. Cheguei no Rio só com uma mala...

V.A. – Como é que o senhor comeu dentro do navio? O senhor passou quanto tempo?

J.R. – Lá eu comia rapadura e farinha.

V.A. – Quantos dias para chegar?

J.R. – Os retirantes eram todos, gente pobre trazidos pela seca do nordeste.

V.A. – Quantos dias?

J.R. – Eram oito dias de viagem.

V.A. – Em que ano foi isso?

J.R. – Foi em 1937, 1936, 37.

V.A. – O senhor já tinha então 20 anos?

J.R. – É mais ou menos essa idade. Saí de lá com 17. Cheguei no Rio de Janeiro sem tostão no bolso, sem dinheiro. O dinheiro que eu ganhei aqui eu comprei as coisinhas para viajar, umas roupinhas. Cheguei pobre, sem dinheiro, só com a cara e a coragem. Cheguei no Rio de Janeiro e fui para o Albergue da Boa Vontade, você deve conhecer, ali perto da praça Mauá. Mendigos e vagabundos. Um dia um detetive olhou para mim e fez uma pergunta: “Eu estou identificando que você não é mendigo nem vagabundo. Você é de onde?” “Eu sou do Piauí, uai.” “Meu filho, aqui é lugar de gente...” Você conhece ali perto da praça Mauá o Albergue da Boa Vontade?

V.A. – Não conheço não.

J.R. – Tem na praça Mauá ali perto hospital Getúlio Vargas. Eu fiquei lá uns dias, uma semana mais ou menos no Albergue. Lá foi até bom, porque eu lá comi, tomei um café com um pão desse tamanho, eu não comia há muito tempo. Viajei comendo rapadura com farinha oito dias, misturados com aquela gente do Ceará. Procurei emprego e por acaso ele me mandou para o *Jornal do Brasil* para procurar emprego.

V.A. – Quem mandou o senhor para lá?

J.R. – O detetive que estava na porta do Albergue da Boa Vontade. E eu estou lá sentado na fila que virava quarteirão, quando abriu a porta do Jornal do Brasil... Era na avenida Rio Branco. Entrava assim, parecia aqueles espelhos da Central do Brasil: todo mundo empurrando o outro e aquela briga...

V.A. – Todo mundo querendo emprego?

J.R. – Era para consultar o jornal e sair correndo. Eles botavam uma série no *Jornal do Brasil* naquela época, botavam coleções para as pessoas procurarem consultar recortes... Aquela relação de procura-se e oferece-se. Mas naquele tempo existia uma coisa: “Precisa-se que seja branco e de boa aparência.”

V.A. – Mas estava escrito “branco” ou era só boa aparência?

J.R. – Não: “Branco de boa aparência”. Então eu enfrentei esse problema. Mas eu tive uma sorte, porque chegou um rapaz assim perto de mim, passou por uma porção de gente, olhou para mim e disse: “Você está procurando emprego?” Eu disse: “Estou sim, uai.” Ele disse: “Vou te levar.” Aí me deu todo... ele era daqui do nordeste também, do Rio Grande do Norte, parece. Me chamou lá e disse: “O patrão lá é muito exigente. Ele vai fazer uma sindicância sobre você, vai fazer umas perguntas... Você tem que confirmar, meu nome é fulano...” E eu fui ser lavador de vasos sanitários lá no escritório. Aí um dia eu resolvi ser, eu tinha prática de jornal aqui, já escrevia poesias, e resolvi ser jornalista.

V.A. – Não entendi, senhor Romão. Vamos voltar um pouco. O moço viu o senhor naquela confusão, perguntou se o senhor queria trabalhar...

J.R. – E me levou lá para o patrão... ele queria sair e o patrão disse que só permitia que ele sáísse se ele arranjasse outra pessoa igual a ele ou uma pessoa que ele conhecesse. E ele chegou lá e me deu o serviço e eu cheguei lá e respondi tudo direitinho, e fui aprovado.

V.A. – O que era para responder?

J.R. – Em primeiro lugar, a primeira coisa que o patrão fazia quando chegava era ir no vaso sanitário saber se estava bem limpo, então fui limpar vaso sanitário no Rio de Janeiro, lá perto da rua São José com a rua do Carmo, não sei se você conhece.

V.A. – Mas o senhor foi trabalhar em uma firma?

J.R. – Firma não, um escritório, tinha uns advogados lá.

V.A. – E era para fazer o quê?

J.R. – Lavar o vaso sanitário era a primeira coisa, quando ele chegava ele ia logo no vaso sanitário, não podia ver cigarro... Ele chegava assim procurando coisas, as paredes eram enceradas, tinha que encerar, então, eu enfrentei tudo aquilo.

V.A. – O senhor aqui já tinha se formado, no Piauí, como marceneiro?

J.R. – Era marceneiro. Mas eu não pude trabalhar como marceneiro porque lá era tudo automática, eram máquinas e aqui era manual. Nós não tínhamos ainda... Porque quem ajudou a trazer eletricidade para Teresina, energia elétrica, fui eu, no governo Chagas Rodrigues, na década de 1950. Ele foi ao Rio e convidou a mim e o padrinho do atual prefeito de Teresina para planejar a energia elétrica que veio para o Piauí, senão hoje nós não tínhamos indústrias. Tenho tudo aí, tem documentos...

V.A. – Só na década de 1950 que teve energia elétrica?

J.R. – Não. Quem inaugurou foi o Castelo Branco em 1971. Nós não tínhamos energia elétrica.

V.A. – Em Teresina?

J.R. – O Piauí só começou a ter indústrias depois que a energia chegou, foi no governo Castelo Branco. Tanto que a Usina Boa Esperança tem o nome dele. Eu fui um dos

fundadores, foi a operação Piauí e a operação Nordeste. Projeção da operação município na operação Nordeste.

V.A. – Então o senhor não podia trabalhar de marceneiro no Rio porque lá era tudo com máquina. Então o senhor foi trabalhar lá como uma espécie de...

J.R. – Igual ao Lula. O Lula hoje morria de fome, sabe por quê? Porque ele fazia aquele negocinho, e hoje uma máquina faz em um dia o que passava dois dias para fazer.

V.A. – O senhor foi então trabalhar como uma espécie de faxineiro...

J.R. – Faxineiro não, era tudo. Era lavador de vaso sanitário do meu patrão... E eu era obediente porque eu precisava de um empreguinho, não é? E aí foi bom para mim porque eu dormia no emprego em cima da mesa, a mesa era durinha, cobria de jornais, não tinha lençol. Mas tudo isso é a história da minha vida. Isso está contado em livro.

V.A. – Isso foi na avenida Rio Branco?

J.R. – Não, isso foi ali na rua do Carmo com a rua São José, você conhece muito bem, tinha um banco ali perto.

V.A. – Era um escritório de que, de advocacia?

J.R. – Advocacia.

V.A. – Como é que era o nome do patrão, o senhor sabe?

J.R. – Gastão Luís do Rego. Mais tarde eu arranjei um emprego para o filho dele, porque o filho dele não conseguiu ser, ele seria o sucessor dele. Depois...

V.A. – O senhor ficou lá, era obediente, e aí?

J.R. – Fiquei. Depois eu me entrosei no jornalismo aos poucos. Eu comecei a escrever, eu levava para o jornal e eles aproveitavam aquelas coisas. Eu me profissionalizei jornalista primeiro que o Roberto Marinho e o Herbert Moses, que era presidente da ABI. Eu sou 2 mil e pouco, o Roberto Marinho é 3 mil e pouco. Porque ele era o herdeiro do pai dele, o Irineu Marinho.

V.A. – Mas então, o senhor estava naquele escritório, dormindo em cima da mesa, e aí?

J.R. – Um dia eu resolvi arranjar emprego de jornalista. Eu nem sabia o que era repórter, eu escrevia poesia, aquelas coisas. Escrevia aqui no jornal da província. Escrevi um artigo sobre Aleijadinho, o leproso genial. Cheguei no *Vamos ler*, na Revista *A Noite, Vamos ler, Carioca* hoje em dia tudo tomou... vocês sabem... Eu disse: “Quem é que manda aqui? Quem é que dá [incompreensível] ? O senhor não quer publicar esse artigo aqui sobre o Aleijadinho.” Eu não sei como é que eu escrevi aquele artigo. Ele pegou e jogou para o Clóvis Ramalhete, que está citado aí no... O Clóvis Ramalhete morreu como ministro do Supremo, ele era secretário do *Vamos ler*.

V.A. – Quem?

J.R. – Clóvis Ramalhete.

V.A. – Era secretário de quem?

J.R. – Da revista *Vamos ler*. Eu fui colaborador durante um tempo, dessa revista. Desde quando a empresa *A Noite* passou para o patrimônio do Nacional [incompreensível] Dali então não parei mais. Eu comecei com uma revista...

V.A. – Só um instantinho. Ele viu o seu artigo e achou bom?

J.R. – Não. Ele entregou lá para um rapaz e eu saí pensando que eles iam rasgar. Sábado, quando eu abri, por curiosidade fui na banca de jornal, e estava na segunda página do jornal aberto em duas colunas, inclusive com as estátuas do Aleijadinho. Eu posso mandar todos

esses documentos para você lá na Fundação. E lá na Fundação Getúlio Vargas eu ia muito pesquisar, trabalhando no governo do presidente Getúlio Vargas eu tinha um diário dele, mas cortaram lá, venderam. Eu estou trabalhando na segunda edição do livro o Apogeu [incompreensível] eu vou mandar para você depois, vai ser editado agora. Ia ser editado no senado, mas morreu o nosso deputado federal que ia encaminhar para o senador. Bom, essa é outra coisa. Agora vamos para o movimento negro.

O movimento negro, isso é muito importante anotar, ele não nasceu na década de 1950, como foi dito lá. Ele correu para o início da conscientização negra com o movimento tenentista. E o movimento intelectual, cultural e literário de renovação nascido na Semana de Arte Moderna em São Paulo. Então o movimento negro se integrou, correu paralelo a esse movimento em 1922. O tenentismo, a Semana de Arte Moderna, ou a revolução intelectual literária e artística, com os artistas novos e esse regionalismo, auxiliado pelo meu colega Elionaldo, o Aurélio Buarque de Holanda, que é revisor conhecido meu, porque eu tenho um dicionário que eu fiz sobre o Rio de Janeiro, são três volumes. Então não vendia na companhia carioca... você vai ver na relação, publicado pelo Ministério da Educação, pelo Instituto Nacional do Livro. Então, nós formamos o movimento.

V.A. – Mas aí em 1922 o senhor tinha cinco anos.

J.R. – Não. Eu estou falando da origem do movimento.

V.A. – Mas quem é então que estava, que o senhor disse que é paralelo ao tenentismo? Quem eram as pessoas?

J.R. – Não. Eu vou mandar para você, essa história está contada em um livro do Luís Luna, foi publicado pela editora Cátedra. Lá você encontra no Rio, na ABI, na Associação Brasileira de Imprensa. Luís Luna era um negro na luta contra a escravidão. Foi contra toda essa... Então as origens de Pernambuco, de Solano Trindade, que o movimento já explodia lá em São Paulo. Mas foi na década de 1940 que começou... antes de 1940 em Pernambuco, em São Paulo, e depois chegou ao Rio na década de 1940. E nós formamos o Centro Cultural Afro-Brasileiro com o Solano Trindade, Raimundo Souza Dantas, Aladir Custódio, Corsino de Brito, negros.

Amilcar Pereira – Era Centro Cultural Brasileiro?

J.R. – Centro Cultural Afro-Brasileiro. Que deu uma música brasileira a Europa inclusive, fui na Polônia... Grande Solano Trindade, esse sim foi o grande líder.

V.A. – Quando foi fundado esse Centro Cultural Afro-Brasileiro?

J.R. – Foi na década de 1940. Eu vou mandar para você inclusive o discurso que eu fiz. Mas no Centro Cultural Afro-Brasileiro o líder foi Solano Trindade. Ele fundou em Imbu em São Paulo, a casa dele. Ele foi meu hóspede inclusive. Vou mandar a biografia dele, que eu fiz uma síntese. Morreu muito pobre, e Abdias do Nascimento era integralista, o Guerreiro Ramos, isso está no livro que eu vou mandar para vocês, vou tirar xerox, tem umas páginas lá...

V.A. – Qual livro? Do Luís Luna?

J.R. – Do Luís Luna, *O negro na luta contra a escravidão*. Então ele conta, a história é a seguinte: o livro foi publicado pelo Ministério de Educação com a primeira edição do Luís Gama e a *Dimensão do Brasil*, que eu fui o introdutor do sétimo volume... Euclides da Cunha, que não escreveu *Os sertões*, mas esconderam a pessoa, a eminência parda que o Gilberto Freyre se refere, e eu tive todos esses documentos, mas eu tive uma empregada na minha casa que pegou tudo para vender, que era muito inteligente...

V.A. – A sua empregada resolveu vender?

J.R. – É. Um dicionário que eu fiz aqui na Amazônia, de índios amazônicos no Rio de Janeiro, no Sul... a alcunha “carioca” é de origem indígena, tem muitos nomes de origem indígena, são dois volumes assim. Um deles tem uma revisão crítica de Aurélio Buarque, que eu vi nascer. O Aurélio foi meu colega, o Aurélio Buarque de Holanda.

V.A. – Eu não entendi. O senhor tinha os documentos...

J.R. – Tinha, inclusive o dicionário que eu fiz sobre os índios da Amazônia, que está aqui na contracapa. Você vê essa contracapa está aí.

V.A. – Está tudo escrito na sua biografia.

J.R. – Não, minha filha. Aqui, os Índios das Fronteiras Setentrionais. Eu escrevi um dicionário geral dos índios da Amazônia, e ela era uma espécie de pessoa que ajudava na minha casa. A pretexto de arrumar, estava dentro de uma mala, ela pegou aquilo e desapareceu. O diário de Getúlio Vargas, aí eu vou te mostrar a carta, os documentos... São Paulo...

V.A. – Do Euclides da Cunha que o senhor estava falando.

J.R. – Do Euclides da Cunha sumiu os documentos.

V.A. – Quem era a eminência parda do Euclides da Cunha?

J.R. – Teodoro Sampaio, um negro Teodoro Sampaio, tem até o nome dele nas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo.

[FINAL DA FITA 1 – A]

V.A. – O Euclides era um homem doente e teve problemas com a mulher, só estou repetindo aqui. Sim.

J.R. – Você não conhece a história do Euclides?

V.A. – Sim.

J.R. – Mas não é citado o Teodoro Sampaio. O Teodoro Sampaio era negro também, filho de uma escrava do Barão de Aramaré, na Bahia. Ele veio para o Rio de Janeiro e se formou em

Engenharia. Foi ele praticamente que construiu o viaduto São Paulo, ele teve uma atuação muito forte. Ele foi um homem que teve uma influência muito grande nos seus, [incompreensível] nacional [incompreensível] da conquista, *Os Sertões* da conquista. E ele forneceu para o Euclides da Cunha os documentos, porque ele viajou pelo Brasil com o Orville Derby, que veio dos Estados Unidos para fazer um trabalho e viajou com ele pelo rio São Francisco e Chapada Diamantina.

V.A. – Como era o nome dele?

J.R. – Teodoro Sampaio.

V.A. – Não, do americano?

J.R. – Orville. Eu posso mandar esse documento para você. Porque eu vou pegar seu endereço e vou mandar para você, porque você pode trabalhar a vontade com esse material. Eu fiz a biografia dele, aliás não foi biografia, eu fiz uma palestra depois que ele faleceu, na sociedade de geografia onde eu fui...

V.A. – Agora, por que o senhor disse que todos eles eram integralistas?

J.R. – Porque eram integralistas. Está no livro. E eles pertenciam... Diz o seguinte, textualmente...

V.A. – Quem?

J.R. – O Luís Luna, *O negro na luta contra a escravidão*: “Esta fase da vida brasileira foi uma das mais agitadas deste século, com o crescimento do neofascismo na Itália e na Alemanha, formou-se aqui a Ação Integralista Brasileira, chefiada por Plínio Salgado [incompreensível] da Semana de Arte Moderna. Foi no integralismo que Getúlio disse: “Não...”

V.A. – O senhor está falando...

J.R. – Enquanto a esquerda, e a esquerda chefiada por Luís Carlos Prestes... eu fui preso aqui, quando eu passei aqui, eu era comunista. Quando eu vim para cá como marceneiro fui preso por um integralista que era poeta.

V.A. – Antes do senhor ir para o Rio?

J.R. – Fui preso aqui.

V.A. – O senhor não contou. O senhor foi preso aqui?

J.R. – Eu era marceneiro e fui preso porque já era comunista.

V.A. – O senhor era comunista?

J.R. – Era.

V.A. – Com 16 anos?

J.R. – Eu queimei camisa verde aqui na praça.

V.A. – O senhor com 16 anos aqui?

J.R. – Eu era comunista já.

V.A. – Como que o senhor entrou para o comunismo?

J.R. – Porque eu morava em Teresina e minha avó tinha... E a sede do integralismo era na rua onde eu nasci e onde eu me criei com a minha avó. E o chefe do partido integralista ia me dar a camisa verde para eu vestir, para a juventude integralista aprender a usar punhais na praça pública... e eu não aceitei aquilo ali não. Até professores meus na escola técnica, na escola de aprendizes de marceneiro. Eu achava qualquer coisa que não estava casando comigo.

Primeiro ele era racista. A tendência... o padre, aquele que conhece... dom Helder Câmara de botar o símbolo integralista aqui. Depois ele renunciou. Mas o Abdias do Nascimento era.

V.A. – Espera aí. O senhor vai me contar como é que o senhor virou comunista lá no Piauí primeiro.

J.R. – Eu virei por isso, eu queimei camisa verde...

V.A. – Lá no Piauí o senhor disse que a sua avó vivia...

J.R. – Eu era jovem, tinha 15 anos mais ou menos, e aí me deu uma camisa verde, e a minha avó preocupada de eu fazer parte da juventude integralista. Eu achei que aquilo ali era uma fantasia muito chata. Eu sempre tive assim, não sei, uma tendência mais para a esquerda. Eu nasci já congenitamente assim para a esquerda. Acho que é genético, não é? Eu não aceitava o arianismo, não podia aceitar o arianismo. Já tinha uma formação, era muito curioso... na minha casa tinha retrato das pessoas. E eu não aceitava o integralismo. Eu queimei uma camisa. Cheguei aqui com pecha de comunista, fui preso por um integralista que era um poeta. [incompreensível] aqui era marceneiro, mas aqui as pessoas vão sempre fazendo, tem também essa biografia em Teresina. E é bom que vocês registraram. Mas então vamos voltar ao movimento negro.

V.A. – Eu quero saber: o senhor chegou a se filiar ao partido comunista?

J.R. – Eu sou comunista. Eu tenho retrato com o Luís Carlos Prestes.

V.A. – O senhor se filiou em Teresina com 16, 17 anos?

J.R. – Não me filiei, não. Eu me juntei às pessoas de esquerda.

V.A. – Lá em Teresina?

J.R. – Teresina. Eu me aproximei dos esquerdistas.

V.A. – Entendi. Aqui no Maranhão o senhor tinha parentes quando o senhor veio para cá?

J.R. – Tinha nada. Tinha parente nenhum não. Saí de lá assim como... Eu não sei como é que saí. Foi uma aventura que eu fiz, eu era jovem. Jovem, com essa idade, criei asas e voei. Mas vamos ao que você quer. Vamos ao âmago do problema. Então esse movimento se tornou um partido de muita expressão, um partido negro. Está bem aqui, eu vou te dar depois uma informação sobre isso. O Getúlio Vargas fechou esse partido.

V.A. – Quando foi que fundaram esse partido?

J.R. – Foi na década de 1940.

V.A. – Partido do negro?

J.R. – Partido do movimento negro brasileiro. Tem o nome aí direitinho.

V.A. – Aonde foi fundado, no Rio?

J.R. – No Rio de Janeiro. É do Rio de Janeiro e São Paulo, foi na década de 1940.

V.A. – Mas na década de 1940 era o Estado Novo, aí não podia criar partido.

J.R. – Não. Foi antes do Estado Novo.

V.A. – Então foi antes de 1937.

J.R. – Quando Getúlio fechou o Congresso, acabou com os partidos e inclusive com o nosso partido do movimento negro. Nós tínhamos um partido político.

V.A. – Chamava Partido do Movimento Negro?

A.P. – Era a Frente Negra Brasileira?

J.R. – A Frente Negra Brasileira!

A.P. – Isso em 1936.

V.A. – Está bem.

J.R. – A Frente Negra Brasileira.

V.A. – O senhor então participou da Frente Negra?

J.R. – Da Frente Negra. Eu fui um dos pioneiros. Então nós fundamos o Comitê Democrático Afro-Brasileiro.

V.A. – Dentro da Frente?

J.R. – Esse mesmo grupo. Para estimular o rompimento do Brasil com as potências do Eixo, a Itália, a Alemanha e o Japão.

A.P. – Mas isso no Rio ou em São Paulo?

J.R. – Isso no Rio de Janeiro já. Eu era jovem, estava com 20 e poucos anos.

V.A. – Quem era que fazia parte desse Comitê Democrático?

J.R. – Os mesmos que fundaram, o Solano Trindade, eu, Aladir Custódio, não sei se você já anotou aí. O Comitê Democrático era uma derivação do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, que teve grande expressão em São Paulo e no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Então no IBGE, do qual eu fui um dos pioneiros da fundação, eu sou um fundador do IBGE, nós tínhamos um comitê lá dentro do IBGE. Eu era secretário do comitê comunista, da célula

comunista dentro do... eu era chefe lá de publicações, chefe de indicação social, e era secretário da célula comunista dentro do IBGE.

V.A. – Quando é que o senhor entrou para o IBGE?

J.R. – Entrei logo no princípio, entrei na década de 1940, sou considerado um... eu tenho aí até uma carta do presidente me pedindo para eu fazer um trabalho desses que eles estão fazendo aí para a memória do IBGE. Então, eu vou mandar para você todo um material que você pode trabalhar, usar, documentos... porque a história – você é historiadora – do Brasil é cheia de mentiras. Possuí documentos provando que Pedro Álvares Cabral não descobriu nenhum, ele achou. Os fenícios estiveram aqui muito antes do Cabral. [incompreensível] do Rei Davi, porque os fenícios eram grandes navegadores. Essas cidades lá no interior do Piauí, essas cidades da Serra da Capivara onde estiveram os fenícios... Então é mentira que o Brasil... não foi Tiradentes que foi enforcado, foi para desmentir que eu escrevi nos jornais do Piauí e vou mandar para você, a mentira disso, como é a história de Pedro Álvares Cabral, que foi um carniceiro, matou gente à beça, índios, matou gente... Ele ia para a Índia. Então aquele negócio do vento que jogou para cá, aquilo é mentira. Ele foi programado para ir para a Índia e para acostar na Bahia e plantar a bandeira portuguesa em nome da Coroa. E tomar posse. Eu tenho a carta de Caminha, que você conhece.

V.A. – Senhor Romão, vamos voltar lá para a Frente Negra Brasileira. O senhor disse que o Abdias, o Agnaldo Camargo, Solano Trindade, Raimundo Souza Dantas, eram todos integralistas?

J.R. – Não. Solano Trindade, não. Ele era comunista. Eu, Solano Trindade, Aladir Custódio, nós éramos comunistas.

V.A. – E faziam parte de Comitê Democrático...

J.R. – Ligado ao Luís Carlos Prestes. Eu era amigo do Luís Carlos Prestes, tenho fotografias com ele.

V.A. – Sim. Mas dentro da Frente Negra Brasileira os senhores então fizeram esse Comitê Democrático?

J.R. – Não. O Comitê foi criado pelos esquerdistas.

V.A. – Não tem nada a ver com a Frente Negra?

J.R. – Não, está tudo dentro. Os movimentos se entrosaram. Explodiu em Pernambuco, em São Paulo e depois no Rio de Janeiro, formado por nós... Ontem lá disseram que foi na ABI. Não foi na ABI. Foi a União dos Estudantes do Brasil, na praia do Flamengo.

V.A. – O que foi?

J.R. – A fundação do...

V.A. – Da Frente Negra?

J.R. – É. Então o outro que vocês devem conhecer, o Abigail Moura da Orquestra Afro-Brasileira. Instrumentos afro que ele criou e aproveitou, instrumentos de sopro, fez uma orquestra sinfônica. Quando eu fui pedir à Escola de Música na Cinelândia para inaugurar, para fazer um concerto, o diretor da escola disse: “Isso aqui não é uma escola de samba, não. Isso aqui é uma escola de música.” Aí eu fui no secretário de Educação que estava promovendo, ajudando nosso trabalho. Aí ele autorizou que fosse aberta a Escola de Música lá na Cinelândia, ao lado do Automóvel Clube, que você conhece muito bem, para nós fazermos o concerto. O maestro Abigail Moura era um gênio, era um homem admirável. A Meire Carmo era contralto da orquestra, foi a co-fundadora da Orquestra Afro-Brasileira.

V.A. – Era Abigail Moura?

J.R. – Maestro Abigail Moura, um negro admirável, um gênio da música. Ele criou uma orquestra sinfônica com instrumentos de sopro, instrumentos de corda, instrumentos africanos, ele inventou e abraçou e fez uma orquestra. Quando eu fui pedir para... está lá na

revista da semana naquele tempo... Então eu lancei a Orquestra Brasileira na Escola de Música, mas o diretor achava: “Aqui não é escola de samba.” Coisa de negros, não é? E eu corri na secretaria.

V.A. – Quando foi isso?

J.R. - Foi no tempo do Dodsworth.

V.A. – Do Henrique Dodsworth?

J.R. – Foi na época dele. E o Astério de Campos era subsecretário de Educação, era da *Gazeta de Notícias*, e acho que ele era baiano. Ele era secretário e era negroide. Então ele forçou.

V.A. – E o senhor tocava nessa orquestra?

J.R. – Não. Eu apenas promovia, eu criei lá um Teatro Experimental do Negro; eu criei um colégio lá profissionalizante, a maneira da escola daqui de marcenaria, para profissionalizar rapazes e jovens...

V.A. – O colégio o senhor criou aonde?

J.R. – Ali perto da Fundação Oswaldo Cruz. De lá o Lacerda removeu. Nós tínhamos um colégio, era Fundação Levy Miranda. Eu fundei uma escola técnica para profissionalizar. [incompreensível] eu fui lá pedir e ele disse: “Você pode usar.” Eu criei um colégio. Depois reformei uns três colégios ou quatro no Rio de Janeiro, sem pedir um tostão ao governo. Sabe como? Eu conscientizava os pais de que o colégio não era do governo, era deles e dos filhos: “Como é que você quer seus filhos em um colégio de paredes sujas, vasos sanitários sujos, cadeiras quebradas?” Porque trabalhar é assim, e eu conscientizava. Porque eu tinha muita influência política, tinha colunas em jornais e no *Jornal do Brasil*, no *Correio da Manhã*, no *Diário de Notícias*, tinha colunas. Eu tinha uma coluna, *A Palmatória*, que era só para chicotear e tinha uma que era só para elogiar. Então eu sabia jogar. Outra coisa que eu vou

dizer para você é a seguinte: eu nunca pedi emprego, nunca procurei emprego por necessidade e nem por ambição de ter emprego. Eu procurava ser útil porque o Booker Washington, um negro americano que também foi escravo...

V.A. – Quem?

J.R. – Booker – é até nome de livro, não é? – Taliaferro Washington, ele foi escravo e se libertou e criou a primeira escola profissionalizante nos Estados Unidos, e pegou negros e brancos, e saiu da escravidão. A biografia dele é traduzida por Graciliano Ramos [incompreensível] no *Correio da Manhã*, esse nosso, o autor de *Vidas Secas*. Eu fui colega do Graciliano Ramos no *Correio da Manhã*. Aliás, entrei depois que ele saiu da cadeia, depois que ele saiu da cadeia ele voltou para lá, ele foi preso. Então ele dizia o seguinte: “O negro vence quando fizer melhor do que ninguém aquilo que todo mundo faz.” E aquela frase me... Eu disse: “Eu tenho que me tornar é útil para se precisarem de mim.” Então eu adotei uma tática de me tornar útil para eles precisarem de mim. Quando eu chegava em uma repartição, eu exerci vários cargos, inclusive com o Lacerda no governo que ele levou aquele Sérgio Magalhães, eu fui nomeado para a Secretaria de Educação um período, fui convidado para, fui nomeado para ficar sem apuração [incompreensível] Quando o Lacerda foi eleito eu votei no Sérgio, contra o Lacerda, mas o Lacerda me conservou porque ele foi meu colega no *Correio da Manhã* antes de fundar a *Tribuna da Imprensa*. E eu mandei cartas porque eu fui muito hostilizado pelos lacerdistas. Eu era chefe quando ele foi eleito. Aí vinham: “Bota esse pelego para a rua!” Era pelego, o Getúlio Vargas, quando começou a fazer greve... “Esse pelego, não sei o que...” Então eu disse: “Se o Lacerda for eleito eu entrego o cargo no dia seguinte.” E fiz isso.

V.A. – Qual era o cargo que o senhor tinha?

J.R. – Primeiro classificador e apurador na Secretaria de Segurança, nomeado pelo ministro.

V.A. – Primeiro classificador e apurador da Secretaria de Segurança?

J.R. – Da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro. Tem aí os dados, parece que tem até os do exterior. Eu fiz vários cursos e pós-graduação universitária, depois especializações, tenho aí os documentos e diplomas. Está tudo aí.

V.A. – O senhor estava falando que o senhor achou que a sua função era servir e ajudar os outros, não é isso?

J.R. – Não.

V.A. – Quando o senhor entrava em uma repartição o senhor fazia o quê?

J.R. – Não. Eu fazia o seguinte: quando entrava me fazia útil. Primeiro eu procurava conhecer tudo. Então no IBGE eu era considerado o doutor-sabe-tudo, sabe por quê? O IBGE nasceu em uma sala assim, onde era o Instituto histórico. O Instituto Histórico era um pardieiro. Eu tenho até um documento aí do *Jornal do Brasil*. A casa do Teixeira de Freitas, que foi um dos fundadores do IBGE, era a bagunça executiva regional de estatística do Distrito Federal. Então eu tive assim... Eu não sei o que aconteceu com ele. Então eu exerci vários cargos lá... O Lacerda me conservou no cargo. E eu mandei cartas para ele e ele não respondia nem me demitia. Aí eu mandei dizer para ele o seguinte: “Que eu não votei nele.” “Por que esse negro quer me abandonar?” Eu disse: “Diz a ele que eu não votei nele.” Ele disse: “Isso não obsta.” Eu cheguei lá, quando eu assumi o cargo, me deram 250 funcionários, todos empistolados. Se eu tenho um funcionário: “Senhor chefe...” O Lacerda você conheceu, não é? O Lacerda era muito... não dava corda para nada... ele era muito ele. Aquele negócio da favela, da Cidade de Deus que ele criou, para tirar o pessoal da favela, e o pessoal lutando para ter o direito de favelado. Sabe o que ele fez? Tocou fogo nos barracões para obrigar os favelados a descerem. Os favelados dependendo de irem para a Cidade de Deus, naquelas casas enquanto... O Lacerda tinha... as lideranças no Brasil foram todas assassinadas. Eu vou te mandar o que eu escrevi sobre o Castelo Branco, ele foi assassinado, aquele Ulysses Guimarães: assassinado. Até o Castelo Branco foi assassinado. Getúlio Vargas você já sabe, deu um tiro no peito depois... Juscelino foi assassinado. 15 minutos antes já sabiam em Brasília que tinha acontecido um desastre contra ele. O João Goulart morreu. O próprio Lacerda foi aquele

[incompreensível]. Então as lideranças todas foram liquidadas. A coincidência: por que não foram os outros, só as lideranças? Não encontraram o corpo daquele Ulysses Guimarães...

V.A. – No helicóptero.

J.R. – No helicóptero. Encontraram todo mundo, menos ele. O Juscelino, 15 minutos antes de acontecer o acidente na estrada, já sabiam em Brasília que tinha acontecido. Petrônio Portela, que era ministro, que era do Piauí inclusive, foi governador...

[INTERRUPÇÃO NA ENTREVISTA]

J.R. - ...história do Brasil, que eu vou mandar para você os artigos que eu escrevi em páginas inteiras de jornais.

V.A. – Vamos voltar lá para o movimento negro.

J.R. – Então, olha, no dia seguinte eu vou mandar para você uma xerox, “esta fase da vida brasileira está a mais agitada desse século” no século passado, porque nos anos 1930 irrompeu a Revolução de 1930 contra a República Velha, até o Estado Novo. Foi quando nós também reagimos com os tenentes e os modernistas da cultura literária e artística.

V.A. – Porque nós temos conhecimento da Frente Negra Brasileira, que foi fundada em 1936. Mas o senhor está dizendo que vem desde o movimento tenentista. Qual o movimento negro que aconteceu em 1922.

J.R. – Não. A Frente Negra é apenas uma progressão, uma sucessão de movimentos já explodidos desde 1922.

V.A. – Quais são as coisas?

J.R. – A conscientização em Pernambuco já em 1920, 22, 24, Solano Trindade já agitava lá. Em São Paulo já tinha movimento.

V.A. – Quem era lá em São Paulo?

J.R. – Agora eu esqueci o nome...

A.P. – A imprensa negra, José Correia Leite...

J.R. – Não, esses já vieram um pouco depois. O Abdias do Nascimento por exemplo. O Abdias tem a idade, antes se entrosava lá para embrulhar.

V.A. – Não entendi.

J.R. – O Abdias do Nascimento se entrosou...

V.A. – Com quem?

J.R. – Lá no movimento para embrulhar e dedurar a gente porque eles eram fascistas. Eles eram ligados ao Plínio Salgado. Nós éramos [incompreensível] com o Luís Carlos Prestes, em filas lá autografando. Agora vai ter um museu em Teresina e vamos... eu vou mostrar meu acervo...

V.A. – Quer dizer que na Frente Negra conviviam comunistas e integralistas?

J.R. – Eles se intrometeram lá para poder tomar conta. Olha, quando o Brizola perdeu o governo do presidente Vargas, PTB, quem tinha que ser o herdeiro do PTB, como presidente, era o Brizola. Eu era do grupo dos 11 do Brizola, que ele falava lá em Piratini, lá no Rio Grande do Sul e eu emendava na rádio. Eu tinha um programa na rádio Copacabana, perto da Lapa... Edir Macedo, da Igreja Universal tomou meu tempo e tomou do bispo MacAlister da Igreja Nova Vida...

V.A. – Qual era o nome do bispo?

J.R. – Eu tinha até um diploma que ele mandou para mim de missionário da Nova Vida. Roberto MacAlister. Eu mando xerox para você disso tudo. Inclusive esses documentos meus que eu vou precisar para o museu agora, tem fotografias que eu vou mandar para você botar nos seus arquivos.

V.A. – Está bem.

J.R. – Vou mandar todo o meu acervo, porque vai ficar aqui, vai ficar aqui e na Universidade do Piauí. E vão dedicar um espaço para mim na casa de cultura onde eu fiz o primeiro *Viagem ao Parnaíba*, que eu estudei o rio Parnaíba que é um dos maiores rios do Brasil, do Nordeste, para poder criar a hidrelétrica de Boa Esperança para produzir energia. Então fui eu e o padrinho do atual prefeito. Bom, eu não pedia, o que eu procurava era me instruir, estudar, eu sou tecnologista...

V.A. – Bom, o senhor entregou a sua matéria sobre o Aleijadinho lá na revista *Vamos Ler* e viu que foi publicada.

J.R. – Publicada com destaque.

V.A. – E aí?

J.R. – É o seguinte: é que eu não acreditava. Eu pensava que estava sonhando. E ficava olhando e lendo e meu nome lá e eu dei só o texto, mas aí arranjaram a fotografia. E eu tinha a impressão que eu estava sonhando, porque era desconhecido. Cheguei lá, procurei, dei lá: “Quem é que manda aí?” Cheguei lá mandando. Fui sempre assim. A minha mulher, se você conversar com ela, ela vai te dizer. Eu conheci ela muito assim, um pouco agressivo. Talvez ela tenha se adaptado com isso. Agressividade. Eu chegava e ia mandando. Eu cheguei lá e o Lacerda então...

V.A. – Vamos lá para o *Vamos Ler*. Aí o senhor viu...

J.R. – Daquele dia em diante eu fui agradecer: “Agradecer o que, meu filho? Passa lá no caixa e receba o seu pró-labore.” Eu fui lá e recebi. Daquele dia em diante eu passei a ser colaborador.

V.A. – Do *Vamos Ler*?

J.R. – Do *Vamos Ler*.

V.A. – No prédio d’*A Noite*?

J.R. - No prédio d’*A Noite*.

V.A. – Aí o senhor saiu do escritório de advocacia?

J.R. – Saí do escritório. Aí eu comecei a minha carreira como jornalista. *Correio da Manhã*, fui para *O Malho*, do *Malho*... Eu tive uma carreira muito rápida em *O Malho*. Entrei como arquivista e passei a ser articulista do *Tico-Tico*, que era uma revistinha infantil, depois fui redator principal. Depois eu vou mandar para você tudo que eu escrevi lá, meu filho mandou para mim a bibliografia que eu escrevi na *Pátria*. *A Pátria* era um jornal que até aquele que foi prefeito, não sei o que Cardoso, foi preso, ele era coronel nomeado pelo Getúlio Vargas. Até a [Rosângela Angel]²² eu ataquei. Até o José Américo eu ataquei.

V.A. – Nesse *A Pátria*?

J.R. – No *A Pátria*, na palmatória.

V.A. – A sua coluna no *A Pátria* era a *Palmatória*?

J.R. – Era a *Palmatória*. Então na *Palmatória*... eu te mando a relação dos artigos que eu fiz. Porque o reitor da universidade ia lá na minha casa e lia os meus artigos. Então você me fez uma pergunta... O negócio você tem que saber: a Frente Negra é apenas um ramo do

²² O mais próximo do que se pôde ouvir.

movimento. Porque o movimento surgiu simultaneamente em vários locais. Inclusive na Bahia através dessa revolução artística que entrou o Gil, essa juventude...

V.A. – Entrou quem?

J.R. – Gilberto Gil, essa revolução de arte...

[FINAL DA FITA 1 – B]

J.R. – ...Procurava exercer o melhor. Eu chegava e me inteirava de tudo. Então o presidente do IBGE chegava e dizia assim: “Fulano...” Eu fazia os prefácios dos livros, mexia na documentação, escrevia na revista, tenho aí até [incompreensível] todo mundo era praticamente, eu tinha uma seção. Eu escrevia e levava meus artigos, eu trouxe para você um trabalho que eu fiz [incompreensível] em função da Geografia prática e aplicada a serviço do homem.

V.A. – O senhor fez a faculdade de jornalismo?

J.R. – Fiz a faculdade de Jornalismo e também Geografia e História na Universidade do Brasil.

V.A. – Sei, a de Jornalismo o senhor entrou quando?

J.R. – Foi lá na 12 de janeiro. Eu tenho aí os certificados. Depois eu fui para o Iseb, o Fernando Henrique foi meu colega no Iseb, fiz o curso de Literatura na Academia Brasileira de Letras, fui o primeiro piauiense premiado pela Academia Brasileira de Letras, do Costa e Silva, pai do Alberto da Costa e Silva que foi presidente...

V.A. – Bom, mas o senhor entrou em que ano na faculdade de Jornalismo?

J.R. – Foi logo depois que eu fiz a Universidade do Brasil. Aí eu fiz um curso de especialização e fiz cursos de pós-graduação e especialização, vários cursos. Onde tinha

curso eu fazia. Agora eu vou fazer outro curso: Psicanálise, eu trabalho nessa área de Psicanálise, Psicologia e Hipnose. Vou fazer em Teresina lá. Porque para tirar certificado. Eu trabalho nesse ramo, eu sou dependente químico, trabalho com dependentes químicos, psiquiatria e psicanálise. Eu vou fazer o curso só para tirar... não preciso do vestibular, tenho vários cursos já...

V.A. – A minha pergunta foi: quando que o senhor entrou na faculdade de Jornalismo?

J.R. – Foi depois que eu terminei o curso da Universidade do Brasil.

V.A. – Então primeiro o senhor fez Geografia e História?

J.R. – Geografia e História.

V.A. – Por que o senhor foi fazer Geografia e História?

J.R. – Não, porque para me integrar no IBGE... Porque eu entrei no IBGE antes de fazer. Eu sou um dos pioneiros no IBGE.

V.A. – Sim, antes de fazer então o curso, o senhor entrou no IBGE?

J.R. – Eu era do IBGE, quando era um porão naquele hotel que tem na Cinelândia, chama-se Hotel Serrador. A Geografia era lá, mas era no porão do Serrador. Saía de lá do pardieiro onde era o centro histórico, não tinha outro prédio. Era no porão do Serrador. Então lá era a Geografia e a Cartografia. De um modo geral, foram os nordestinos que contribuíram muito – essa é minha companheira – para a construção do IBGE, foram nordestinos. Na literatura moderna... O Edson Carneiro também fez parte do movimento nosso lá, de esquerdista...

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]

V.A. – Então vamos lá.

A.P. – Senhor Júlio, eu queria saber o seguinte: tenho duas questões. Primeiro sobre a Frente Negra. O senhor falou que havia grupos diferentes e que havia integralistas.

J.R. – Não. O problema não é esse, não. A conscientização não foi só do problema da negritude brasileira, do problema dos negros e da escravidão. Ontem se falou lá na reunião sobre o negócio da tendência de embranquecimento do negro. Não houve embranquecimento do negro. O que houve foi o seguinte: com a falsa abolição da escravatura como foi feita, assinada com pena de ouro pela princesa regente Isabel, os fazendeiros ficaram chocados com a atitude de Dom Pedro, diziam que Dom Pedro era neutro. Ele não podia assinar a abolição da escravatura porque ele era suserano dos suseranos. Então ele viajava e mandava a princesa assinar a Lei dos Sexagenários, a Lei do Ventre Livre, a Lei Áurea, ele dizia: “Minha filha, eu vou dar uma voltinha e você assina.” Porque ele não podia, ele era suserano dos suseranos.

V.A. – Por que não podia?

J.R. – Porque ele era o suserano dos suseranos, dos fazendeiros, dos fidalgos. Ele não podia ficar contra os fidalgos.

V.A. – Entendi.

J.R. – Então o movimento negro... Essa revolta que houve contra a República Velha, que [incompreensível] muitos hábitos do Império escravocrata, foi que incitou essa revolução global na qual está vinculado o movimento negro. O movimento negro não nasce isolado. Nasceu com uma conscientização de aculturação e culturação do negro consciente dos seus direitos, dos negros que foram se formar, que conseguiram estudar, como eu, passei a ser professor universitário, viajei pelo mundo para conhecer, li literatura de outros povos, o problema americano, a escravidão americana, a perseguição dos pele-vermelha como aconteceu conosco aqui. Então nós que tínhamos mais ou menos essa bagagem de conhecimento, fomentamos, entrosamos ao movimento. Porque Jorge Amado era nosso amigo, Graciliano Ramos, então nós tínhamos esse entrosamento com movimentos operários, nordestinos... Jorge Amado dizia para mim o seguinte: “Romão, depois da abolição todo branco pobre é negro. Porque a escravidão hoje não é só a cor, mas a atitude, as condições

sociais e econômicas.” Então tem negros na favela pobres e brancos também. O branco pobre é escravo também. É escravo o empregado que ganha salário-mínimo. Então ontem questionou-se uma coisa que está dentro dessa pergunta sua, o problema do embranquecimento. Não houve embranquecimento. O que houve foi o seguinte: a neocolonização do Brasil. Com a abolição da escravatura da forma que foi feita, nós tivemos uma invasão do Brasil, os portos brasileiros foram reabertos para os alemães e para os italianos, aquela da *Terra Nostra*. Os italianos foram para São Paulo e para o Paraná. Os alemães foram para Santa Catarina, que eu escrevi a história aqui do governador... fui a Santa Catarina estudar. Então eles eram agricultores, iniciou a agricultura, e criaram a civilização de brancos, que era para aumentar e acabar com a... embranquecer o Brasil, pelo menos no Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Mas São Paulo teve uma grande influência negra também.

A.P. – Desculpa interromper. Eu estava pensando aqui o seguinte: segundo vários autores, havia um movimento em São Paulo na década de 1920 que ficou conhecido como Imprensa Negra. E que dessa Imprensa Negra que surge a Frente Negra Brasileira. O senhor falou enfim, o senhor teve contato com o José Correia Leite, com essa tendência mais à esquerda que compõe a Frente Negra Brasileira.

J.R. – Esses são praticamente, esse pessoal da Frente Negra que você está falando são mais ou menos precursores desse movimento que surgiu paralelamente ao movimento da Arte Moderna, Portinari...

V.A. – O senhor chegou a conhecer o José Correia Leite?

J.R. – Eu conheci o Portinari...

V.A. – O José Correia Leite o senhor conheceu?

J.R. – Não. Eu conheci ele, mas não tive muito assim... a minha vida foi mais no Rio de Janeiro. A São Paulo eu ia a serviço, para o exterior... Eu conheci coisas assim, eu cheguei a ir em Hamburgo, fui na Argentina... Me perguntaram uma vez o seguinte: se no Brasil tinha

muitos negros, sabe por quê? A imagem que a televisão, a mídia televisionada das novelas só aparece... Então quem lutou para que o negro tivesse espaço na televisão, que agora está aumentando um pouquinho, aparecem negros lá, fomos nós baseados na Lei Afonso Arinos. Você deve conhecer a Lei Afonso Arinos. As negras não tinham direitos, só tinham direito à comida e à casa. Então nós fizemos um movimento dentro do movimento negro do Rio de Janeiro, no Centro de Cultura Afro-Brasileira, e eu fui inclusive o relator, eu e o Darcy Ribeiro. Defendendo o direito – ela sabe que eu escrevi no meu discurso – das empregadas domésticas que eram negras mas não ganhavam dinheiro, até o dinheiro para a comida. E fui hostilizado porque eu lutei para que elas fossem profissionalizadas, com carteira assinada e tivessem salário: “Esse negro aqui agora acha que as empregadas... tem que dar roupinha para ela, dar comida, dar casa...” Não, mas elas são empregadas, e eu fiz um discurso, que eu vou mandar para você.

V.A. – Onde você fez o discurso?

J.R. – Foi no Centro Cultural Afro-Brasileiro. Eu fiz o discurso de abertura do Centro. Então é isso mesmo, você falou muito bem. Então são as raízes. Quando eu falei lá na conexão com o tenentismo de 1922, que é junto com o 18 do Forte, com a Coluna Prestes, na Revolução de 1926, a primeira Revolução Paulista, eu estou dando para vocês uma informação sobre o roteiro de como, ele não surgiu assim isoladamente, não.

A.P. – Perfeito. E o senhor conheceu o Solano Trindade como?

J.R. – Solano Trindade foi meu hóspede na minha casa, eu apanhei ele na favela doente. Eu vou mandar para ela, eu escrevi... ele morreu enterrado em [incompreensível]

A.P. – Mas como, quando?

V.A. – Quando o senhor...

J.R. – Foi no movimento, fomos nós que fomentamos o movimento.

V.A. – Mas como o senhor conheceu ele?

J.R. – Lá no Rio de Janeiro, nesse movimento, nesse entrosamento com o movimento negro.

V.A. – E aonde os senhores se reuniam?

J.R. – Na União dos Estudantes, que foi até queimada lá nos fins do governo Lacerda.

V.A. – Na UNE?

J.R. – Na UNE.

V.A. – E o senhor conheceu o Solano Trindade na UNE?

J.R. – Não. Não só o Solano Trindade, o movimento... Eu ia a São Paulo, fazia palestras, assistia reuniões em São Paulo. Eu viajava para Pernambuco, para a Bahia, a gente viajava. Não era só ficar no gabinete de trabalho de literatura não. Então eu viajava e tive conhecimento e contatava... Esse congresso que está havendo agora, havia esses congressos. Eu fui a São Paulo, fiz palestras lá...

A.P. – Em qual congresso que o senhor foi a São Paulo?

J.R. – Não me lembro não. Fiquei até hospedado em uma casa... de amigos nossos [incompreensível] paulistas. Eu estou com 88 anos, então vocês têm que ter paciência comigo. Mas eu vou mandar os documentos com os nomes.

V.A. – O senhor chegou a participar do Teatro Experimental do Negro?

J.R. – Sobremaneira sim, porque o teatro onde nasceu a Ruth de Souza... Ela nasceu lá. Ela foi inclusive amante do Abdias do Nascimento antes de ele casar com aquela americana lá. O Abdias do Nascimento não foi expulso do Brasil, ele foi para...

V.A. – Não entendi. Ele não foi?

J.R. – Ele diz que foi exilado. Ele não foi exilado. Ele foi para lá para dizer que ele era herói. Ele era fascista. Depois que o Brasil rompeu com a Alemanha... ele, Rodrigues Alves, Guerreiro Ramos eram integralistas. No livro está lá, este livro que eu estou te indicando, contada a história direitinho. A fase do governo Getúlio Vargas, para tirar da Revolução de 1930, quando nós começamos a dar mais força ao movimento. Nós hostilizamos o Getúlio Vargas no Estado Novo. Nós fomos perseguidos porque nós tínhamos... Ele fechou nosso partido. Nós fizemos um partido. Vou mandar informações sobre o partido para você.

V.A. – Certo. Agora, o senhor participou do Teatro Experimental do Negro?

J.R. – Não. Eu tinha um teatro. Na época eu criei um teatro e uma escola de teatro. Eu mandei muita gente para a Globo.

A.P. – Era o teatro do Solano Trindade?

J.R. – Não. Do Solano Trindade era folclórico, que ele levou para a Europa. O meu era escola de teatro: monólogo dos gestos, que ainda hoje é ensinado nas escolas no Rio de Janeiro...

V.A. – O que é ensinado?

J.R. – Monólogo dos gestos.

V.A. – Monólogo dos gestos?

J.R. - É, só com os gestos as pessoas já articulavam em cena. Hoje é ensinado na escola. Então eu tinha um curso. Eu mandava gente para a TV Globo com diploma nosso, nunca foi recusado. Eu era o diretor. Extinguiu o movimento negro por uma razão muito simples, eu quero citar, exatamente devido a essa confusão de entrosamento lá, a invasão de integralistas. Nós lutando contra os fascistas e eles estavam lá fingindo que eram negros. Eles faziam jogo

duplo. Pode dizer isso aí, está declarado. Todo mundo sabe disso, quem conhece a história. E então...

A.P. – Então, na verdade, o senhor não tinha ligação com o Teatro Experimental do Negro, que era do Abdias do Nascimento.

J.R. – Não. O Abdias do Nascimento fundou o Teatro Experimental do Negro. Ele e o Agnaldo Camargo também, que eram integralistas. O movimento tinha várias ligações. Mas o Abdias também foi ator. Ele começou como ator.

V.A. – Agora, em 1945 e 46 foram feitas a I e a II Convenção Nacional do Negro. O senhor participou disso em 1945 e 46?

J.R. – Todo movimento, até vir para cá para o Piauí... Me aposentei com 70 anos, na compulsória, eu estive sempre entrosado com meu movimento.

V.A. – E essas duas Convenções, o senhor se lembra?

J.R. – Mais ou menos.

V.A. – Mais ou menos? Foram onde?

J.R. – Não, nós estivemos na Casa dos Estudantes do Brasil em um restaurante avisado, dentro do Estado Novo. Nós tínhamos um assobiador para avisar quando a polícia... o cabeça de tomate, um sujeito líder ali no morro Santo Antônio. Nós éramos perseguidos. Então nós ficávamos lá conspirando dentro da Casa do Estudante do Brasil, em um restaurante no Largo da Carioca. Nós íamos lá para conspirar. Então ficava um colega na porta para avisar quando a polícia chegava com um chapéu assim, naquele tempo era o paisano da polícia do Filinto Muller...

V.A. – Mas era para conspirar o quê? Do movimento negro?

J.R. – Contra Getúlio Vargas. Contra o Estado Novo.

V.A. – Mas eram os negros que se reuniam, ou eram...

J.R. – Não, os negros e aqueles que...

V.A. – Queriam a volta da democracia.

J.R. – Que jogavam no nosso time. E então, chegavam aquela porção de policiais a paisano da Dops. Nós já sabíamos quando nós escutávamos o assobio de apito, nós tínhamos um espião também. Quando eles entravam os policiais chegavam lá de chapéu, entravam. Aí nós fazíamos assim: [cantando] “*Allons enfants de la Patrie / Le jour de gloire est arrivé*” Eles não sabiam que nós estávamos cantando a Marselhesa. “Viva Getúlio Vargas! Viva a polícia!” Era para disfarçar. Como eles eram ignorantes, só sabiam... Eu tinha que me esconder quando a Casa do Estudante foi fechada, estavam me procurando, porque eu não era besta. Eles iam me procurar na casa dele...

V.A. – De quem?

J.R. – Três policiais estavam me procurando.

V.A. – O senhor estava escondido aonde?

J.R. – Na rua do Lavradio, na casa que os policiais estavam me procurando. A gente só vivia fugindo em pensão. O Porcínio Raposo, que foi secretário do Brizola no tempo que o Darcy foi vice-governador, o Darcy até participou do nosso movimento. Mas o Darcy foi até mais sincero que o Abdias, porque o Darcy foi vice-governador, o Darcy era uma pessoa admirável. Quando eu fui levar a ele a receita para o Jango não cair, não perder o governo, ele chegou e disse assim: “Romão...” Ele era chefe da Casa Civil e não estava preparado para ser chefe da Casa Civil, o Darcy. Como secretário de Educação ele era, construiu aqueles colégios lá, como é que chama?

V.A. – Os Cieps.

J.R. – Ciep. O sambódromo. Porque o sambódromo, aquilo ali era uma picaretagem. Desmontavam, depois montavam, desmontavam de novo, e aquilo dava despesa. Então o Darcy tinha uma capacidade incrível, ele era muito informal. Você conheceu o Darcy, não é? Ele era muito informal, mas tinha uma capacidade de atingir assim... Foi meu colega antropólogo, eu sou antropólogo e etnólogo também, do Instituto Rondon, antigo Instituto de... Fui professor da Escola Superior de Guerra também. Eu tenho aí, vou te dar.

V.A. – Em 1948 a gente tem aqui um dado de que foi criado o Comitê Democrático Afro-Brasileiro...

J.R. – Eu fui o orador oficial. Eu tenho o discurso, vou te mandar.

V.A. – Para a preparação para... Não, em 1948 não, em 1946. Para a tentativa de interferir na Assembleia Constituinte, não?

J.R. – Não. Tempos atrás foram outros. Eu fiz o Comitê Democrático Afro-Brasileiro. Eu fui orador oficial. Foi exatamente na Guerra, quando nós quisemos forçar, contribuir para o rompimento do Brasil com as potências do Eixo. Foi nessa época que o Estado bombardeou nossos navios aqui, que dizem que foram os alemães, que eu acho que não, que foram os americanos, depois da invasão de Pearl Harbor pelos japoneses. Porque os americanos ajudaram Hitler, deram tempo ao nazismo, para que o nazismo se fortalecesse. A Inglaterra também. A Inglaterra tomou conhecimento de que isso existia depois que começou a ser bombardeada dia e noite. Mas enquanto o Hitler invadiu outros países, da ala direita, era o chanceler da França ficava em Munique conversando com Hitler, abraçando o Hitler, o da ala direita. Então eles entraram na França assim: foi uma passeata. A Alemanha entrou na França, foi uma passeata. Tem aquele... como era o nome daquele presidente general?

V.A. – Pétain?

J.R. – É Pétain. Agora, o herói foi o De Gaulle. Então o da ala direita foi um traidor. Enquanto Hitler dominava outros países o da ala direita estava lá. E tudo isso nós sabíamos e nós fazíamos campanhas. As nossas tendências eram antifascistas e antinazistas, porque estava tudo dentro de um contexto, eles eram arianos. Não eram só contra os judeus, eram contra todos os povos que não eram... porque eu acredito até, que já naquele tempo, o exército de Hitler... a Alemanha tão pequenina, como é que tinha tantos exércitos? Então era acreditado o seguinte: que eles já fabricavam gente, como hoje estão fabricando em laboratório. Porque com 14 anos aqueles homens... Então é incrível como a Alemanha, um país tão pequenino, dominar o mundo com um exército monstro. O Jorge Amado tem um livro muito importante que ele começa assim: parece que é em uma luta de boxe, que o Hitler está assistindo...

V.A. – Quem está assistindo?

J.R. – O Hitler. E o negro derrotou um branco ariano da Alemanha e o Hitler ficou muito louco. Dizem que o Hitler era pederasta inclusive. E ele não tinha mulher, aquela Eva... Eu não acredito que ele tenha se suicidado porque ele era covarde. Ele morreu foi em Santa Catarina. E eu estou pesquisando isso também. São dados, são declarações minhas para vocês botarem: eu Romão da Silva disse. Eu tenho aí a carta do Getúlio Vargas do punho dele. Não é aquela que foi distribuída.

V.A. – Em 1950 houve o I Congresso do Negro Brasileiro. O senhor participou?

J.R. – O primeiro, não.

V.A. – Não foi o Primeiro em 1950?

J.R. – Não.

V.A. – Quando foi o primeiro?

J.R. – Foi na década de 1940. No início da década de 1940. Foi nesses congressos que eles se reuniam em São Paulo, no Rio de Janeiro, as reuniões. Não chamávamos de congressos, mas de um modo geral eram reuniões, na UNE, na União dos Estudantes...

A.P. – Mas eram reuniões para discutir a questão do negro?

J.R. – Não precisava dizer nada de congresso, mas eram reuniões.

A.P. – Mas era para discutir a questão do negro?

J.R. – Como brancos e pretos conscientizados antifascistas, pró-comunistas, prestistas. Eu tenho vários registrados com o Luís Carlos Prestes, tenho fotografias com ele, ele era meu amigo. E eu viajava, eu fazia... Eu vou te mandar as fotografias com o Luís Carlos Prestes.

V.A. – Está bem.

A.P. – A gente encontrou algumas informações sobre a União dos Homens de Cor na década de 1950.

J.R. – Não. Na década de 1950 o movimento já estava amadurecendo.

A.P. – Mas o senhor conheceu a União dos Homens de Cor?

J.R. – Conheci.

A.P. – O senhor participou de alguma forma?

J.R. – Estava tudo isso entrosado no movimento geral. O movimento não foi isolado, não. Ele explodiu em várias partes do Brasil. Em São Paulo sobretudo, Pernambuco, Rio de Janeiro, até mesmo no Piauí, até aqui no Norte, na região amazônica. Explodia, teve gente que tinha um partido integralista, pró-fascista, com o Plínio Salgado. Então não havia coincidência. Então o movimento teve que se manifestar através de tendências de esquerda, antifascistas.

Porque os fascistas tendiam à raça pura, ao arianismo. A perseguição não era só contra os judeus, mas a todos aqueles que não fossem arianos, como eles chamavam. Então eu não podia, sendo negro, ser fascista se eles queriam criar uma raça pura.

V.A. – Como é que havia negros integralistas?

J.R. – Porque eram desinformados e queriam também aparecer. Mas não foi só negro não. A Igreja Católica tinha muitos integralistas. Eu até esqueci ainda agora, o dom Hélder Câmara usava o signo integralista... o papa, aquele papa que substituiu o Pio XI, como era o nome dele?

V.A. – O Leão XIII?

J.R. – Não. O Leão XIII era um muito mais revolucionário.

V.A. – Da década de 1960?

J.R. – Não. Aquele que substituiu o Pio XI.

V.A. – Não sei.

J.R. – Teve até um show que disseram há pouco tempo aí. É o Pio XII.

V.A. – Que apoiou o fascismo?

J.R. – Ele era fascista.

V.A. – Isso.

J.R. – Ele era fascista e era aristocrata. Então a história... neste contexto todo a nossa luta era contra esse contexto global das tendências que o mundo estava seguindo, que o mundo estava mergulhando nesse poço de preconceitos sociais, políticos, religiosos, econômicos... Os

Estados Unidos financiavam durante muito tempo o fortalecimento do nazismo, escrevi sobre isso. O Getúlio Vargas tinha simpatia pelo próprio Hitler. Tinha simpatia pelo nazismo.

A.P. – Então, mas depois da II Guerra, já na década de 1950, o senhor disse há pouco que conheceu a União dos Homens de Cor e tal. O senhor pode falar um pouco para a gente como é que funcionava, como é que era a União dos Homens de Cor durante a década de 1950 e início da década de 1960.

J.R. – Na época do... Nós abrimos... Aí é que está, porque o Luís Carlos Prestes passou a apoiar o Getúlio Vargas quando ele começou a ir à casta dos generais e dos coronéis, e o manifesto dos generais que derrubou, que levou ele ao suicídio. Então nós contamos... Quando Getúlio Vargas começou a ir... eu chamo ele de Águia e Ícaro dos pampas, porque ele subiu e desceu como Ícaro. Caiu no apogeu. Em novo livro eu chamo ele de apogeu e um tiro no peito...

V.A. – A gente estava querendo saber sobre a União dos Homens de Cor. Como funcionava?

J.R. – Dentro desse contexto político. Nós nos entrosávamos.

V.A. – Sei. Quem participava?

J.R. – Esses que eu citei para você, Raimundo Souza Dantas, que foi embaixador na África, em Gana. O Jânio Quadros queria botar só negro como embaixador...

[FINAL DA FITA 2 – A]

J.R. – ...Meu nome estava para ser indicado embaixador na África, em um país da África. O Raimundo Souza Dantas foi o primeiro embaixador. Eu tenho até fotografia com ele. Ele era um rapazinho aqui do Sergipe, era autodidata, mas passou no Congresso, não fez curso no Itamaraty. E o Jânio Quadros mandou ele e pediu para indicar. Quando o Jânio Quadros renunciou com aquela carta, ele estava bêbado. Ele bebia muito. Foi o alcoolismo que levou ela àquela loucura da carta. Ele escreveu aquela carta bêbado. [incompreensível] ele teve

aquela votação estrondosa. Ele foi produto do Carlos Lacerda. O Carlos Lacerda tinha um temperamento, ele era muito talentoso, e ele concorreu para o suicídio do Getúlio, para a deposição em 1945 e para a morte. Aquele tiro não era para o major Vaz, era para o Lacerda. Se pegasse no Lacerda o tiro, todos nós estaríamos trabalhando com isso, com todos os acontecimentos. Eu como repórter escrevia artigos, fazia reportagens, acompanhava, está aí nos jornais que eu trouxe para você.

V.A. – O senhor mencionou a Lei Afonso Arinos, não é isso?

J.R. – Lei Afonso Arinos.

V.A. – O senhor participou da criação dessa Lei?

J.R. – Participei.

V.A. – Como foi?

J.R. – Participei contribuindo, por exemplo, nas reuniões dos principais congressos que nós tivemos, tem até um livro que o Abdias organizou. Mas o Abdias organizava os livros sempre... Ele pegou o livro meu, esse do Luís Gama, que é o primeiro volume aqui, publicado pelo Ministério da Educação, pegou o livro e fez assim: Luís Gama, Abdias do Nascimento. O MEC distribuiu em todas as bibliotecas do Brasil, esse livro aqui. O Ministério da Educação... Então ele pegou esse meu livro, esse livro do Luís Gama é produto... Então ele pegou o meu livro e fez assim: de um lado Luís Gama e do outro Abdias do Nascimento, os dois negros notáveis da história do Brasil. Eu tenho lá em casa. O que tem ele a ver com um herói como Luís Gama? Esse livro foi desenvolvido de uma aula que eu dei na Universidade do Brasil. Otto Maria Carpeaux introduziu, mais o Barbosa Lima Sobrinho...

V.A. – Mas o senhor estava falando da Lei Afonso Arinos.

J.R. – Ah sim. A Lei Afonso Arinos funcionou, mas foi muito mal interpretada. Tem um livro aí, eu não tinha, a mulher levou, o que eu tinha roubaram, comprei agora aqui no Maranhão, apareceu o livro até atualizado. É de uma mulher até... Olha aqui...

V.A. – Ela é de julho de 1951, a Lei Afonso Arinos.

J.R. – Olha o Luís Carlos Prestes comigo.

V.A. – Depois eu vejo o Luís Carlos Prestes, eu queria saber da Lei Afonso Arinos, que é de julho de 1951. O senhor disse que não deu muito efeito, o que aconteceu?

J.R. – Não, minha filha, não foi bem assim não. Houve reação contra a Lei porque a Lei Afonso Arinos foi a favor do negro, abrindo inclusive... Eu tenho aí a Lei Afonso Arinos.

Ô, Zélia, você se lembra daquele livro que eu comprei, que eu fiz a permuta? Onde é que está aquele livro da permuta? A Lei Afonso Arinos.

Z. – Está tudo embalado.

V.A. – Está bem.

J.R. – Esse é o Luís Carlos Prestes. Isso aqui é na Academia de Letras. Arnaldo Niskier, esse é o presidente da Academia de Letras. Alberto da Costa e Silva. Essa aqui é a Nélida Piñon.

V.A. – Deixa eu te perguntar uma coisa: o senhor disse que saiu do Piauí porque disse que queria ser doutor para voltar doutor lá, não?

J.R. – Não. Para dar um nome à minha família, criar uma dinastia.

V.A. – Uma dinastia?

J.R. – É.

V.A. – E o senhor teve filhos?

J.R. – Eu tenho netos e bisnetos. Eu tenho 88 anos.

A.P. – Mas quantos filhos o senhor teve?

J.R. – Rapaz, eu não sei, não. Casado, eu tenho um, está aqui no Pará, é professor lá na Academia de Polícia. É o Caçula. Legítimo eu tenho: Júlio, o caçula, Paulo César, José Carlos. Adotivos: Carlos, Cláudia, tenho outra filha chamada Ana Lúcia Neto. Eu sei lá, eu fui espalhando viagem por aí... aqui mesmo em Teresina, quando eu chegava aqui em Teresina a passeio, eu trazia comissão de Pernambuco. Fui a Pernambuco lá em um congresso. Eu chegava lá e levava comissão em dinheiro, eu ia em função também do IBGE, aproveitava, eu não ia para hotel de luxo como aqui, não. Eu procurava aquelas caboclinhas simples e ia morar com elas. Então eu dava um dinheirinho para elas, no dia seguinte eu ia com elas pelas ruas, vestia elas, comprava roupas, porque sobrava dinheiro.

V.A. – E aí tinha filhos?

J.R. – Sei lá! Porque eu deixei uma porção por aí, porque era jovem. De vez em quando eu ainda encontro um aí que tem meu nome, meu sobrenome.

V.A. – Então o senhor fundou uma dinastia tão grande que nem o senhor sabe qual é?

J.R. – Sei nada. Eu tenho neto e bisneto, minha filha. Pergunta a ela, a dona Zélia aí. Essa é a quinta, que eu considero a quinta. Tem a Meire, que eu citei aí, fundadora da... Ah sim, a Orquestra Afro-Brasileira, que era de negros, só formada por negros, regida por negro... Quando o maestro levantou a batuta e fez assim, um negro... Pan! Pan! Aí o diretor da Escola de Música que fez restrições, saiu do camarote e foi me abraçar. Ele disse: “Olha, é extraordinário.” Bateu palmas. “Eu não sabia que era isso.” Eu disse: “Porque você é um ignorante.” [riso] Então eu era assim. No IBGE eu sabia de tudo. Eu entrei no IBGE, fui um dos primeiros funcionários, pioneiro, como se diz. Eu comecei a me entrosar, tentar aprender tudo no IBGE, saber tudo: fundação, tudo isso que você está perguntando aí, informação.

Então o presidente... eu fazia os prefácios dos livros que saiam pelo IBGE. Eu publiquei o primeiro livro nas publicações do IBGE, era chefe da seção de publicações. A gráfica do IBGE, que você conhece lá no Rio de Janeiro, em Parada de Lucas. Então o Delgado de Carvalho foi meu professor.

V.A. – O senhor disse que a Meire era a sua primeira esposa então?

J.R. – Não. Essa era a segunda. Eu era casado com uma mulher muito admirável, que me ajudou muito na vida e que morreu muito jovem, com 52 anos. E eu não sabia viver só. Então eu tive um filho com ela que se chama Júlio também. Tenho mais outro que se chama... tem um dentista lá no Pará... Sei lá! Eu tenho uma confusão danada. Eu sei que eu criei uma dinastia. Eu chego em um lugar aí... se eu chegar em [incompreensível] filho lá em São Paulo...

V.A. – Dizem que o homem, para ser realizado, tem que ter filho, escrever livro e plantar árvore. O senhor teve um monte de filhos, escreveu um monte de livros que o senhor está dizendo aqui, o senhor também plantou um monte de árvores?

J.R. – Árvores?

V.A. – É.

J.R. – Plantei demais. Eu sou vegetariano.

V.A. – Então pronto. Então o senhor está realizado?

J.R. – Eu me realizei demais. Sabe quanto eu ganhava no IBGE? Meu cargo era o mais alto no tempo do cruzeiro, aquele cruzeiro velho que não valia nada, era falso. 44 milhões. Sabe quanto é que foi que eu fiquei quando veio esse cruzeirinho? Fiquei com 5.500 reais. 44 milhões para...

V.A. – O senhor era um milionário e agora não é mais.

J.R. – Milionário o quê? Aquilo não valia nada.

V.A. – 44 milhões: era milionário. [riso]

J.R. – Você pegava uma mala para receber, e não valia nada. Só tinha papel falso.

V.A. – Então está ótimo. A sua esposa já está preocupada.

J.R. – Não.

V.A. – Ela disse que o senhor tem que ir embora.

A.P. – O senhor tem que almoçar ainda.

J.R. – Isso aqui é na Academia Brasileira de Letras, eu estou autografando para o Luís Carlos Prestes. Aqui é na Academia... Esse aqui, abri mão na Academia para ele, o Carlos Nejar, conhece não é?

V.A. – Aqui o senhor está...

J.R. – Esse é o Nejar, abri mão para ele. Eu estava praticamente eleito. Aqui eu quando era diretor de estatística do meu estado.

V.A. – Esse aqui?

J.R. – É. Quando eu era menino jovem, no comecinho.

V.A. – Jovem, olha só. Será que dá para filmar aqui, ele jovem?

J.R. – Você quer? Eu dou a fotografia para você.

V.A. – Não quero ,não.

J.R. – Eu tenho uma creche, que eu...

V.A. – Tem que tirar do plástico? É melhor para fazer direito?

A.P. – Não. Agora para cá, do jeito que estava. Não. Aí está brilhando. Do jeito que estava, estava bom. Agora está brilhando.

J.R. – Isso aqui, foi aqui...

A.P. – Consegui filmar.

V.A. – Pronto. Isso aqui foi aonde, no IBGE?

A.P. – Bota do lado dele.

V.A. – Assim?

J.R. – No IBGE quando eu era chefe lá. Tira essa aqui.

V.A. – Agora bota a do lado do Prestes. Cadê a foto do lado do Prestes?

J.R. – Eu tenho uma porção.

V.A. – É essa aqui? Essa aqui é com o Prestes?

J.R. – É. Mas eu tenho outra com o Prestes.

V.A. – Isso aqui é quando que o senhor estava com o Prestes aqui?

J.R. – Quando eu autografei esse livro aqui. Acho que foi esse aqui.

V.A. – O livro sobre o Luís Gama?

J.R. – É. Essa aqui é a minha creche lá no Piauí, a fundação. Isso aqui é na Universidade do Piauí.

V.A. – Isso é 1982. Está escrito aqui no verso da foto. Deixa eu guardar isso aqui.

J.R. – Isso aqui é no Pará. Esse meu filho é professor da Academia de Polícia. E aqui é a creche. Eu tenho uma academia, ela funciona na academia. Aqui é minha creche. Aqui é na Universidade. Esse é o reitor. Esse é o presidente do movimento negro no Piauí. Aqui é minha casa em Teresina. Olha a creche.

V.A. – O senhor tem essa creche lá?

J.R. – 80 crianças. E aqui é minha casa. Aqui é minha casa hoje. Aqui é a Secretaria de Saúde. Se funcionar a Frente Iguaitária Brasileira, que é vice-versa com o movimento negro. Porque a Frente Iguaitária é mais abrangente e para não ficar muito radical com isso aqui... Minha propriedade em Teresina. Hoje é a Secretaria de Saúde. Vai funcionar lá a Frente Iguaitária Brasileira.

V.A. – Muito bem. Está muito documentado aqui.

J.R. – Tem aqui, esse sou eu homenagem... Eu com a Rachel de Queiroz. Eu fui terceiro colocado na vaga dela na Academia.

V.A. – Bom senhor Romão, eu acho que o senhor já tem que ir arrumando as coisas porque a sua esposa já esteve aqui preocupada. Já passou da hora. São 11:00 h. Eu vou preparar aqui o documento...

J.R. – Esse é o Padilha. O pai dele foi integralista.

V.A. – Quem é?

J.R. – Padilha. Integralista. Essa história... Esse aqui o senhor conhece.

V.A. – É o Niskier?

J.R. – Não. Esse aqui não é o Niskier não. Ele foi ministro.

Z. – Vamos embora, já está na hora.

A.P. – Ela já está nervosa.

J.R. – Deixa ela nervosa. Vou deixar de dar um documento por causa de me preocupar com mulher nervosa?

V.A. – Senhor Romão, como é que é o nome do senhor inteiro, Júlio?

J.R. – Romão da Silva.

V.A. – Esse Júlio tem acento?

J.R. – Tem. Me diz uma coisa, você...

[FINAL DO DEPOIMENTO]